

SOBRE O SERVIÇO CÍVICO



Depois do 25 de Abril, com a institucionalização das liberdades democráticas, o ME deu importantes passos em frente. Uma das direcções em que a luta avançou foi contra as medidas repressivas usadas para fazer nas escolas a selecção que mais contraria a burguesia, luta já com grandes tradições antes do 25 de Abril. Assim, e em boa parte fruto dessa luta, verifica-se agora um grande aumento no número de alunos que passarão a frequentar a Universidade. A este problema tem-se chamado o problema da "superlotação das escolas" como se de uma coisa nova e nunca vista se tratasse. A verdade é que superlotação sempre existiu e existirá enquanto se mantiver de pé a sociedade capitalista, onde não há qualquer planificação da produção social e controle na formação de quadros, onde um dos problemas que afecta a juventude estudantil é o desemprego depois de acabado o curso. Também característico do ensino na sociedade capitalista é a profunda contradição entre os quadros que a Universidade forma e as necessidades das massas trabalhadoras (como exemplo temos que em Lisboa o nº de estudantes candidatos ao 1º ano em Letras é o dobro dos candidatos em Medicina).

Para a resolução do problema do grande nº de estudantes a entrar para a Universidade, começou há uns meses a soar uma proposta do MEC, de criação de um "serviço cívico".

Nessa altura o MEC chamava a essa resolução "importante reforma de fundo" e meio de os estudantes ligarem o seu estudo à vida do povo. Mas afinal agora vemos que na da disso se trata, mas apenas de um remendo na crise do ensino, na incapacidade do Governo em sustentar o movimento dos estudantes por objectivos progressistas. O tal vínculo de ligação dos estudantes à prática passou a ser "facultativo" e apenas para os estudantes do 1º ano. Pegando nas próprias palavras do P.S.: "...o serviço cívico estudantil surge no contexto actual como uma simples medida de emergência e não como uma opção ideológica", vemos que não se trata mais do que uma tentativa de mascarar a crise até às eleições.

Logo que as primeiras declarações sobre o serviço cívico surgem nos jornais, os estudantes ficam alerta contra qualquer manobra de os usar como tropa de choque contra a luta do povo e surgem as primeiras reacções de descontentamento. O desemprego aumenta cada dia e principalmente na construção civil; membros do governo vêm para os jornais dizer que os estudantes devem ir construir casas e estradas. Quando das greves das grandes empresas ouvíamos a ameaça de os soldados irem substituir os operários no trabalho; também os estudantes viram de forma clara no "serviço cívico" proposto pelo MEC, a tentativa de os levar a desempenhar esse trabalho traidor à luta do povo contra o fascismo e a exploração capitalista.

Ao mesmo tempo membros do governo e partidos traidores como o PUCP e o seu destacamento estudantil UEUC, lançam uma ampla campanha de calúnias junto da população dizendo que "os estudantes não querem trabalhar", "são filhos de ricos", etc..

Nesta situação que defendemos nós, estudantes comunistas, que se deve contrapor à proposta do MEC?

Apoiamos a entrada de todos os estudantes do 1º ano, porque somos pelo livre acesso de todos ao ensino e contra o carácter elitista do ensino burguês.

Apoiamos que todos os estudantes devem realizar durante parte do ano um serviço social de acordo com os interesses e necessidades do povo trabalhador. Porquê? Antes de mais é a forma de permitir que todos os estudantes tenham lugar nas Universidades, e a fim da proposta que assenta numa verdadeira solidariedade de todos os estudantes. Mas para nós o mais importante é o que vamos aprender da vida do povo para muitos desconhecida, a possibilidade de verificarmos na prática o que vemos nas escolas e assim melhor desmascarar todas as aldrabices que nos são impingidas pelo ensino burguês, o aumento da nossa consciência da situação do povo para mais firmemente lutarmos ao seu lado. Com a aprovação desta proposta mostramos ao povo que quem nos chamou "parasitas" e outras coisas do género não passa de caluniador, que estamos dispostos a colocar os nossos conhecimentos à sua disposição e a sem ele aprender também, mas que não estamos dispostos a agudizar os seus graves problemas de desemprego e a ser traidores das suas lutas, pois isto é contra toda a luta por nós travada desde há muitos anos pela libertação do povo português.

Mas contra esta proposta levantam-se não só os revisionistas da UEUC fiéis defensores da proposta do MEC, como outros oportunistas de que é exemplo típico o MRPP. Estes negam a justeza de os estudantes cumprirem qualquer serviço social, tentando apoiar-se em conceitos reaccionários que alguns estudantes espontaneamente possam ter, de resolver os seus problemas de forma mais fácil. Mas com isto mais não fa

zem que contribuir para que um fosso se cave entre os estudantes e o povo trabalhador; mais não fazem do que negar que os estudantes devam pôr os seus conhecimentos ao dispor do povo e com ele aprender também; mais não fazem do que contribuir para dar fundamento a todas as calúnias lançadas pelos reaccionários. Posição bem típica de uma actividade, que se caracteriza por um grande esquerdismo nas palavras que mais não é que um também grande direitismo nos actos.

Quando avançamos numa proposta não queremos lançar em nenhum camarada ideias erradas sobre a possibilidade de resolver verdadeiramente estes problemas enquanto o ensino não estiver ao serviço do povo, numa sociedade por ele dirigida. Apenas pretendemos avançar nas reivindicações que todos os estudantes devem tomar em mãos quanto a este ponto decisivo das nossas lutas por um ensino mais justo.

O caminho por nós seguido deve ser o de avançar na defesa da proposta atrás apresentada, na sua discussão e aprovação pelos estudantes em Reuniões Gerais de Escola, em Reuniões Gerais de candidatos ao 1º ano que culmine com decisões verdadeiramente representativas de Plenários de Academia. Só a participação nestas decisões da grande maioria dos estudantes nos permite assegurar a execução prática das propostas aprovadas. Nesta luta um ponto importante para a sua vitória é a unidade de acção a nível nacional. Só enquanto luta nacional ela será vitoriosa, e que esta unidade de acção avance a passos firmes é tarefa importante que cabe a nós, estudantes comunistas, a todos os estudantes progressistas e revolucionários organizados para intervir na luta e às estruturas representativas dos estudantes.

A par disso e para deitar por terra todas as campanhas de calúnias, cada passo da nossa luta deve ser claramente explicada ao povo, usando para isso os órgãos de informação e o trabalho de propaganda à população.

POR UMA FORTE UNIÃO NA LUTA !

ESTUDANTES AO LADO DO POVO SEMPRE !

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR !

Organização dos Comités Revolucionários
de Estudantes Comunistas de Portugal

Portugal - Jan/75